

OS PEPPINI

Flávio Quintale
Lisboa: Vieira da Silva, 2011.

Maria Teresa Salgado*

Uma homenagem ao “leitor comum”

Há um bom tempo não tenho em mãos um livro como *Os Peppini*, do escritor Flávio Quintale, publicado em 2011 pela editora portuguesa Vieira da Silva. Li a obra com um prazer quase juvenil, lembrando-me da época em que ler era, para mim, antes de mais nada, um puro deleite. Com o mesmo prazer que acompanhava *O senhor de Jalna*, de Mazo de lá Roche, *Os Budenbrook*, de Thomas Mann, sem me preocupar em categorizar os livros. Não que a leitura hoje me dê menos prazer. É que, agora, além de realizar muitas leituras por ofício, como professora de literaturas, dificilmente me deixo embalar pelas obras sem lápis iluminador e “olhar analítico”. Ora, como abandonar o olhar analítico? Sem dúvida, nunca o abandonamos totalmente. Especialmente no caso de boa parte da comunidade acadêmica, pressionada, atualmente, a produzir um número significativo de publicações por ano. Tudo que for lido pelo professor/pesquisador deverá ser imediatamente fichado e mínimamente analisado para aproveita-

* Professora de Literaturas Africanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro

mento futuro. Otimizar o tempo; essas são as palavras de ordem na linha de montagem em que se transformaram muitas universidades.

Sem dúvida, ler é sempre analisar e, por consequência, imaginar, comparar, projetar, produzindo-se novas leituras e conhecimento. Mas há tantas formas de analisar um texto...E foi, justamente, em função dessas muitas formas de analisar um texto que me deixei conduzir por uma das vias mais fascinantes de análise de *Os Peppini*; aquela que nos convida, em primeiro lugar, a viajar com as personagens, vivendo seus dramas, acompanhando cada um de seus projetos, sonhos e frustrações. Podemos chamá-la de via do “leitor comum”, considerando aqui o comum no sentido mais privilegiado que essa palavra possui. Afinal, não é antes esse o leitor que toda obra almeja alcançar, aquele que simplesmente gosta de ler, que se diverte e se emociona a cada página, aquele que segue seus próprios instintos e usa suas próprias razões para chegar as suas próprias conclusões, como disse uma vez Virginia Woolf?

Perdoem-me a citação, mas não posso apagar o que já li. E tampouco é isso que *Os Peppini* nos pede, pelo contrário. O livro se encontra repleto de referências, paródias, dialogismos ou intertextualidades, que preenchem e até superam as expectativas da comunidade acadêmica. Logo na primeira página, somos convocados para uma referência das mais eruditas: Enrico, o artista da família, pinta *Os Peppini*, numa alusão ao quadro *Las Meninas*, de Velasquez, que remeterá o leitor erudito (vamos chamar, por enquanto, assim os outros leitores) ao fa-

moso ensaio de Foucault. Ao final do romance, o jovem Peppini completará seu ciclo de formação artística, com mais uma obra e mais uma alusão, dessa vez ao *Angelus Novus*, de Paul Klee, e inevitavelmente às teses sobre o fim da história. Quanto material para reflexão!

Mas o que nos atrai, nesse momento, nas inúmeras referências, arquitetadas ao longo do texto, que passam pela música, pela pintura, pela filosofia e, sem dúvida, pela literatura e pela história, é muito mais a proposta de que estas funcionem como uma espécie de introdução ou ponte, para guiar o leitor – não familiarizado com o que é citado ou intertextualizado, a conectar discursos –, sem contudo subestimá-lo. Assim, mesmo quando as referências parece que vão ser desvendadas pelo narrador, este não esgota suas pistas, pois confia no seu leitor, embora deseje

conduzi-lo, ao longo do texto, e incitá-lo a vivenciar os dramas ali pintados, tensionando e distensionando os limites entre o popular e o erudito. A escolha do nome Giovanni, mais tarde Don Giovanni, para o patriarca da família, assim como do nome Enrico (de Caruso), para o seu filho, atesta não só uma homenagem à ópera, mas, sobretudo, uma das estratégias de que o romance se vale para enfatizar o diálogo entre o popular e o erudito, mostrando que essas fronteiras são, antes de mais nada, material para polêmicas.

Sem dúvida, somos levados a participar intensamente da saga dos Peppini e, ao final da leitura, chegamos à conclusão de que estamos frente a um romance que deseja homenagear o leitor comum. Este é um elemento fundamental para que a obra viva, assim como o crítico e o pesquisador, eles, também, leitores comuns.